

criação literária



*O poeta é como a criança que viu a estrela.
— Ah, balbucios, palavras entrecortadas e rit-
mos de berço. De súbito a dor.*

-Vinicius de Moraes-

ALDO DAS VIRGENS NASCIMENTO***MORRA EM PAZ**

Gritava dentro de sua sufocada dor
Que por ser tão imensa em si não coube
Talvez seja este viver que não soube
Quiçá o destino que fez da compulsão seu labor.

Oh! Seu interesse maior foi o amor
E o maior dos castigos é não poder praticá-lo
... Sua vida toda vai descendo pelo ralo
Mas, você é ainda dos males o menor.

Vai trilhar pela estrada e pela curta
estrada vai trilhar o que ainda resta
- Seu único sentido: "Aqui Jaz"

Embora impossibilíssimo seja
O mirabolante futuro que deseja
Porém se viver não soube, pelo menos
morra em paz.

*Nasceu em São Vicente (SP). Aluno do Curso de História (UEFS) e professor do ensino de 1^o grau. Tem dois livros lançados: (*Farsa I*), (*Farsa II*). Já participou de *Sitientibus*.

SEXTA-FEIRA: O SER E A CONTRADIÇÃO

Hoje é sexta-feira e nas sextas-feiras
É normal que a alma humana acenda
Frente aos desejos, a moral se renda
E se rende a moral que as costas ao mundo vira

Não há mortal que a ela se refira
Com escárnio e mesmo com escárnio não
Há mortal que não se entregue à emoção
- E às costas vai virando a ela sua ira

Segue o ser em busca de tudo de novo
Mas, sempre colide com o efêmero momento
E o que fica após é o eterno arrependimento

E vai seguindo após tudo isto o travo
A saudade corrosiva sem fronteiras
De fazer todo dia uma sexta-feira.

ANA MARIA PIRES DA PURIFICAÇÃO***MESMICE**

Essa não será
a última vez.
Direi as mesmas
palavras,
repetirei
os mesmos gestos
e tudo continuará
igual
Até a eternidade.

*Nasceu em Feira de Santana. Escreve contos, crônicas, poemas, histórias infantis e textos para teatro. Tem trabalhos publicados em jornais e revistas brasileiros e estrangeiros (Portugal, Uruguai, EUA, Colômbia).

AMBIGÜIDADE

Este sentimento
de urgência
que toma
conta de mim
e esta certeza
que todas
as urgências
são inúteis.

CRISANTO BORGES***HAICAIS**

Por que sozinho
se a rosa convive
com o espinho

A claridade
põe o vaga-lume
na clandestidade

Num instante
sua lembrança
me ficou constante

Não é cascata —
— tenho nos olhos
uma catarata

Abandono—
sobre o túmulo
folhas secas do outono

Para ser sentido
o haicai
tem que ser entendido

Em todo atalho
o medroso sempre vê
um espantalho

A aranha tecendo
em teia de aranha
vai se metendo

Tanque vazio
— Nele está
o estio

* Nasceu na cidade de Frei Paulo (SE). Reside, hoje, em Alagoinhas(BA).
Tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia de Alagoinhas. Já participou de
Sitientibus.

EDUARDO ALVES*

INCÊNDIO

Fogo em minha alma
Os sonhos estão queimando,
mas estão no seguro.
O seguro só salva metade dos sonhos,
metade esta que apenas sonhará com a outra, gêmea,
que a esta altura estará carbonizada,
dissecada,
inválida.

Fogo em minha alma.
A minha memória de amores está em chamas,
bem como o arquivo de orgasmos,
de cheiros, de gostos.
Mas estão no seguro,
o seguro só faz lembrar o tempo, estático,
o bater dos ponteiros, o cronômetro,
o banho que apaga os rastros,
nunca a cena lúdica, a essência.

Fogo em minha alma.
A poesia, esta não se salva,
caminha para as cinzas.
O seguro não quis, tão inflamáveis,
alcóolicas, facilmente incendiáveis,
tamanhos prejuízos aos negócios humanos.

* Nasceu em Belo Horizonte (MG). Mora, atualmente, em Santo Amaro (BA). Tem dois livros inéditos: *Víscera* e *Pseudo*. É cantor e compositor.

O MEDO ANTECIPADO

Os que nós amamos, ficaram no quarto,
incomunicáveis,
reclusos.

Os que vieram à rua, foram os regrados,
os esterilizados,
os intocáveis.

Os que nós amamos, perderam o prazo de validade,
expiraram.

Os que vimos agora, são os protéticos,
os clonados,
os nada autênticos,
os que têm máscara.

Os que nós amamos, não há os nomes na lista.
Os outros, figuram em out-doors.

Os que nós amamos, apenas sonhamos,
não foram feitos.

Os demais, existem aos milhões,
esbarramos neles o tempo inteiro,
os conhecemos logo depois.

Logo depois de sermos apresentados
a seus medos de virmos
a amá-los.

EDUARDO LINS*

Ainda há restos de suor
Na nossa carne.
Perto da fome.
Beijos múltiplos consagram a máscara do gesto.
Infectamos as manhãs
com as manhas diárias,
tão deslumbrante é a banda do mundo.
Marcar encontros
com a avenida vazia,
ainda agora na penumbra do pensamento.
Vagam os saltimbancos, viajando na imagem da cara alheia.
Tomara não tarde a brisa, no meu peito incendiado.

* Formado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Tem poemas publicados em coletâneas e jornais do Sul da Bahia. Jornalista, atualmente ocupa a função de chefe de reportagem da TV Subaé, também como repórter, editor de textos e apresentador.

Abro o caderno
e vasculho os farrapos
traduzidos em verbos.
As palavras
brigam com o verão
aquecendo as frases.
É que as palavras
queimam tudo
explodindo o sol
nas constantes
saunas da alma-azulada.
Alcanço
os versos moleques
atrás da luz do viver
que continua.

ELIESER CESAR*

MENSAGEM QUASE APOCALÍPTICA PARA A DAMA LOURA

Invejamos a aspereza da pedra
e esquecemos os gestos da infância.
A inocência em nossos olhos já não medra
(aumentamos as dores?
compreendemos as ânsias?).
Como distinguir, em seus cabelos.
o joio do trigo,
se o peito de amar um dia cansa?
Como achar, em ti, céu e abrigo,
se agora preferimos o pulo à dança?
Em busca do que a vida não ensina,
os pés escolhem os caminhos que os fascinam
(os meus perseguem o Planeta Midro).
O último beijo que trocamos
foi de vidro.

* Nasceu em Euclides da Cunha (BA), em 1960. Reside, atualmente, em Salvador (BA). Integrante do Grupo HERA (FS). Jornalista, formado pela UFBA, trabalhou em vários órgãos de imprensa do país. Tem vários trabalhos literários publicados, *O azar do goleiro* (novela), *O escolhido das sombras e outras histórias* (conto), entre outros. Brevemente publicará *Os Cadernos do Fernando Infante*, onde figura o poema acima. É colaborador do Suplemento *A Tarde Cultural*.

NA MESA DO BAR

A vida é uma serpente com sua boca enorme
a espreitar-nos.

Tudo falha.

Se nos sentimos seguros, estamos sós,
abandonados.

A vida é uma serpente com sua boca enorme
a espreitar-nos.

Condenados estamos, porque nascemos condenados
e condenados permaneceremos
para muito além da nossa morte.

A vida é uma serpente com sua boca enorme
a espreitar-nos.

A luz nos falta no início da jornada
(e a promessa era de luz).

A vida é uma serpente com sua boca enorme
a espreitar-nos.

Vamos tomar outra cerveja, meu amigo.

EDYLENE ADORNO ALMEIDA*

METAMORFOSE

Um dia fui lágrimas
E deixei-me derramar
por todos os recantos da Terra
Espalhando a minha tristeza.

Um dia fui riso
E ri de todas as coisas
E também de todos os lugares
Tornando tudo mais alegre.

Um dia fui tristeza
E comigo todas as coisas,
pessoas, lugares e seres de
todas as espécies se entristeceram.

Um dia fui alegria
E espalhei-me como um raio de luz
por todos os recônditos da Terra
e tudo e todos se alegraram.

Um dia fui vida
e vivifiquei todas as coisas
Todos os seres e lugares
por onde passei.

Um dia fui morte
e não maldisse a sorte
De tal sina levar
Morrer não é o fim
E sim recomeçar.

* Natural de Feira de Santana (BA). Formada em Pedagogia (UEFS).
É aluna do Curso de Especialização em Alfabetização (UEFS) e participa do
Núcleo de Informática e Sociedade (NIS).

AMOR

Um sentimento que (quase) já não existe
mas insiste em habitar no nosso coração.

Um sentimento que não é lembrado
mas em todos os lados é explorado.

Um sentimento que não se explica
mas implica uma forma de ação.

Um sentimento que não se compra
mas a cada dia é comercializado como um objeto.

Um sentimento que não pode ser manipulado
mas cada vez mais é usado como forma de exploração.

Um sentimento que não se precisa aprender
pois já se nasce sabendo.

Um sentimento que nos completa
pois já nascemos sentindo a sua falta.

Um sentimento que nos faz humanos
não só quando o cultivamos
mas principalmente quando se torna essencial
que sem ele tudo o que temos e fazemos
fica sem sentido.

Um sentimento que é a nossa razão de ser e viver.
o Amor.

EMÉRITA RAMOS*

DESCOBERTA

Nem só granito, cobre, ferro ou pau,
Ergue-se do barro, molda-se na mão.
Funde-se em bronze, derretida em larvas,
A obra prima de um estado chamado paixão
O b, o a, o p, o m, e quantas mais,
O alfabeto agora dominado
E o "stilu"manejado sem temor...
Que voa em campo aberto
Pela seara sem fim...

* Nasceu em Jaguaquara (BA). Reside, há muito tempo, em Salvador (BA). Militante política, fundou, em 1983, a Associação de Mutuários em Luta Comunitária, a qual continua dirigindo. Tem vários trabalhos literários publicados, tais como: *Volta Inteira*, *A Chave*, *Fantasias*.

VIAGEM (II)

Não se cansa d'água a fonte,
Nem a aurora do rubor.
Deixam marcas no semblante
As incertezas do amor.

Foi nos tempos das quimeras,
Que um viajante lá passou:
Na porta pediu abrigo,
Onde a solidão guardou...

Nas viagens, o destino
Fez cruzar o largo mar...
Desvanecem-se rochedos
Onde as ondas vão quebrar...

Música bela, inaudita,
Em tal concerto orquestrada,
Torna mais doce a lembrança
Com ternura bem guardada...

Palmeira lânguida, erguida...
A tua sombra exemplar...
Nas talas, sibila a brisa
Das fimbrias brancas do mar...

HÉLIO PÔRTO*

A SOMBRA E OUTRA METADE

a minha amada
tem um medo
que rima com amor
a metade me acompanha
como uma sombra
e me assusta
a sua ausência.
então eu sofro na penumbra
compassivo e assustado.
a minha amada se contorce,
suas mãos projetadas
na parede do quarto.
o meu corpo jaz intocável,
carente da densidade.
o medo tresanda na casa,
alcança as ruas
e a cidade demagógica
anuncia a vida na tela.
a noite avança,
eu sonho sozinho.
um sonho que não é sofrido
mas falta o sonho dela.

* Nasceu em Juazeiro (BA), em 1956. Atualmente, reside em Feira de Santana (BA) onde participa do grupo Meta-Scafs. Escreveu e adaptou peças de teatro. Em Feira de Santana, escreveu: *A Família Junqueira não Vai Mais Trabalhar*. Convidado pelo Comitê de Defesa dos Direitos Humanos, realiza, sob sua direção e coordenação, *No Dia a Dia a Carestia*, teatro popular.

SOZINHOS QUE SOMOS*P/ LAGO*

há uma necessidade
da vida oculta
inexplicável.
coisas de só
nós mesmos.
solidão de um quarto,
espaço exíguo,
ilimitado.
porque dizer a outrem
são outros ritos
que não os nossos,
ontológico destino
gregário.
assim somos chamados
para o inusitado.
despreparo e preparo
do devir.

IRLANA JANE SILVA*

CAIXA DE SURPRESA

Uma caixa fechada, lá no meio da sala
cheia de segredos,
de prazer, de dor, de reflexão, de
questionamento, de saudade, de viagem, imaginação e amor.
O seu conteúdo nos leva por caminhos
infinitos,
por sonhos inimagináveis, por leituras
diferentes e diferenciadas.
Nessa caixa está o mistério
da busca e do encontro com a leitura.

* Licenciada em Pedagogia (UEFS). Professora de Filosofia da Educação (Dep. de EDU).

NOITE

Ela chegou cedo e calma
Envolvendo sentimentos intranquilos
Trouxe consigo a saudade
De um amor que havia perdido.

Esquecendo a lembrança que ela inspira
pede um gesto de carinho.
Um envolvimento completo com a paz

Queria ser o tema de um poeta
Ser a felicidade enamorada
Ser envolvida pelo amor
Mas percebeu com imensa tristeza
Que os humanos esqueceram
De sentir o que era a noite
Com seu infinito amor.

MIGUEL CARNEIRO*

O DIABO ERA COXO

Naquela penumbra de lua minguante, despontou Tirita, carregando no senho o cheiro das sacristias. Trazia a voz carregada de impropérios e de pragas, jogadas ao vento perpetuando-se na atmosfera durante muitas madrugadas mal dormidas. Não havia estrelas no céu, e ele tinha a própria cor da noite. Por muitas cidades sua fama correu. Se alguma coisa acontecia de errado, era a ele que se depositava o prejuízo. Ficavam um quarto de lua a se lamentarem da presença do inusitado e a fazer sessões de exorcismo para que o bicho fosse em definitivo.

Do outro lado da igreja caiada de azul, onde Nossa Senhora dos Remédios, soberanamente, exercia o ofício de padroeira, morava Iorzinho da Cutilada, que comprara seu caixão de mogno na mão de Oscar Chulinha com todos os seus paramentos, à espera da maldita um dia bater à sua porta, e ele estar preparado para a viagem. Para aquela gente, Iorzinho não passava de um agourento que nunca dizia: “Te descunjuro”, não batia na boca e nem fazia pelo sinal. Estava sempre a mangar da morte.

Foi um tempo em que não chovia naquele termo, e a paisagem virara pó. Se alguém consultava uma geografia, e localizava aquele ponto no mapa, logo exclamava: “Hum, foi o Demo que mudou de lugar, já não mais existe”. Passou aquele arraial a ser esquecido do mundo. Lá ninguém ia, lá ninguém queria ter negócios. Os tropeiros mudaram a sua rota. Cartas não chegavam, agiotas tinham medo de ir lá cobrar. Ficou aquele putesco chão, sepultado perante a memória do Estado. Ali ninguém ia e nem se sabia se as suas casas estavam ainda em pé, ou se o quebra-pedra vicejava pelo portais.

A população, se o IBGE pudesse um dia lá passar, não chegava a dezoito pessoas, robustas, com a pança dobrando o cinto ou a calçola. Era uma gente opulenta. Um boi não saciava a fome de uma casa durante uma semana. Era necessário uma boiada com barrões, carneiros, galinhas e criações. Aquela gente vivia para comer. E passavam a tarde sentados na sombra da frente da casa a arrotarem de quinze em quinze minutos e a

*Nasceu em Riachão do Jacuípe(BA). Poeta, ficcionista, dramaturgo, publicou *No País dos Kiriris*.Ed. do Brasil, 1993; *Esconço e Outras Histórias*. Selo Bahia, 1996, entre outros títulos. Já participou da Revista *Sitientibus*.

fazerem campeonatos de arroteio para alcançar a cidade vizinha. Uma nesga de terra que tinha apenas sete casas e não tinha igreja sequer.

Sacristia tem sempre cheiro de mirra, incensos, paramentos dourados, borras de velas aquecidas, navetas de prata, alfazema no rosto do sacerdote, estolas com cheiro de patchuli. Era ali que Tirita se arranchava. Era ali que o Monsenhor Dom Dário Di Ciesco deixava aquele desgraçado morar, em troca de varrer o templo de Nossa Senhora dos Remédios.

Dizem que, quando o diabo não vem, manda o secretário. E lorzinho da Cutilada cochilava na sua preguiçosa sesta habitual de depois do jantar, quando Tirita prostou-se à sua frente parecendo um Caifás. Dizem que até lorzinho sonhava com uma paisagem azul, mas, com a chegada do Demo, o tempo tornou-se marrom, cor dos caminhos tiranos e traiçoeiros onde a cascavel arma seu bote.

Bastou apenas Tirita pigarrear, fruto de muitas madrugadas curtidas ao fumo de corda de Maragogipe e a Pau de Resposta, para lorzinho se assustar. Estava no pré-sono, com um pé na terra e outro nos cafundós do desconhecido. Perguntou a estranha visita.

- Sim, mas eu não lhe chamei aqui? Que ousadia é essa de entrar na minha casa sem eu lhe permitir?

O velho sacristão e coveiro que, há anos, maquitelava aquela visita, disparou:

- Bom, eu ando sabendo que tu já vem há tempos se preparando para morrer. Inclusive já comprou o teu próprio caixão e mandou Manezinho Pedreiro fazer a tua carneira. Eu vim aqui para abreviar a tua viagem. Tu ainda quer?

Naquela treita que cheirava a fim de mundo, lorzinho coçou as sombrancelhas carregadas de caspas, que embranqueciam a camisa preta, abotoada até o colarinho, e disse:

- Eu já ouvi falar que tu se achas o Demo. O verdadeiro Bute da Vila, apesar do Monsenhor não sonhar com teus propósitos. Eu não tenho um pingão de medo de tua estampa, nem de teus pactos. Antes, muito antes de tu correr o mundo, os pés da Imaculada pisavam a tua cabeça e de teus pareceiros. Tu me perguntas se quero me adiantar na viagem, e eu te respondo: "Quero". Contanto que estabeleçamos um breve contrato.

Tirita não imaginava que lorzinho é que já lhe aguardava há bastante tempo, promulgando pelas portas a antecedência de seu funeral. E como todo apressado come cru, Tirita, tarado para sepultar lorzinho, disparou:

- Tu és um cabra de coragem. Faça a proposta.

Iorzinho da Cutilada passou a mão na barba branca e, calmamente, sem demonstrar interesse, falou:

- Tomemos pelo menos um gole de conhaque para celebrarmos tua nobre missão de me dar cabo. Eu já estou abusado de tudo isto aqui e apontava para o horizonte. Quero partir sem sentir dor.

Tirita estava num estado de excitação que não havia limites. Pela boca do Bute, algumas babas caíam, enquanto esfregava as mãos com ansiedade, então respondeu:

- Tua vontade será cumprida. Tomemos logo esse gole de conhaque.

Iorzinho da Cutilada se apoiou na velha bengala e seguiu pelo corredor em busca da anunciada bebida. Dizem que muita gente boa já comeu o pão que o diabo amassou, e quem gosta de samba de treita carrega sempre a viola no saco. E que não adianta entregar a alma ao diabo, ele, lá ele, nunca se sacia. E que todo sabido demais um dia acaba enrolado na própria treita.

Iorzinho foi o primeiro a erguer uma casa naquele ermo. O primeiro a povoar aquela terra. E se tornara triste, acabrunhado desde o dia em que Tirita riscou com a sua pata no povoado. Chegou na saleta, onde há pouco dormia, com uma bandeja de prata e dois cálices de conhaque, disse:

- Brindemos, Chibungó, já que se acha senhor da morte!

E os dois levantaram a taça. E Iorzinho pelo canto do olho, observava o demo engolir o seu gole. Tirita tomou de vez o conhaque. E Iorzinho observou nas quebras que o diabo fez cara feia.

Dizem que quem anda pelo mundo a promover arruaças, um dia acaba palhaço de seu próprio circo. O Demo não chegou a colocar de volta o cálice na bandeja. E, como notando que foi traído, atirou o pequeno objeto de prata pela porta da rua. E gritou cambaleando.

- Miserável, tu me envenenaste!

E saiu coxo pela porta da rua, caindo no meio da Praça dos Tamarineiros, naquele breu de lua minguante. O velho Iorzinho deu apenas uma gargalhada que já estava há anos sem vir à tona. Nesta noite desabou uma trovoadas nunca vista naquelas bandas. O corpo de Tirita foi arrastado pelas águas, vindo parar, de manhã, na porta da igreja, e, ao seu lado, o cálice onde tomara o conhaque.

Pela manhã, quando Zé Galiza varria o arruado, descobriu o Demo morto. Arroxado, com os dedos tortos, a boca torta e de joelhos parecendo que estava a pedir perdão à soberana padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Zé Galiza apenas tocou com a vassoura no ombro do inusitado sacristão

para ele tombar de vez ao chão. E se adiantou correndo, alardeando, pelas portas, a morte do sacristão. Naquela joça, nem carpinteiros existiam. O único caixão disponível era do patriarca lorzinho que, de sua preguiçosa, atendeu o portador.

- Olhe, Galiza, foram 666 meses que passei à espera deste miserável necessitar de meus préstimos. Para mim, esta merda já não me serve. Vai estar sempre com o ranço do bicho. Leve-o.

E, de sua espreguiçadeira, lorzinho observava Zé Galiza carregar o seu estimado patrimônio, guardado há trinta anos, para uma cerimônia que ele mesmo preparou. Foi assim, foi assim que um dia o diabo morreu coxo.

PAULO ALCOFORADO*

A LINHA E O EMBARAÇO

ainda me embaraço nas tuas linhas, nos teus traços
nos trastes dos teus braços eu me permito a teus
abraços
e me fio nos teus passos de mendigo e salto-alto
fazendo todos esquecerem-se
transformando-os em arautos do teu fracasso
e pauto minha vida dentro dos teus palcos e
convivências,
parcos saltos de papelão sem assalto ou reticências
e agradeço e sussurro e alto teor de graça e televisão
num cauto movimento quase traute de onde dispo
a despedida em linhas e embaraço em tua mão

* Nasceu em Recife (PE), em 1969. Residiu, durante muitos anos, em Salvador (BA). Aluno do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. Escreveu críticas de cinema (1994-1995) para o Jornal *O Progresso* (MS). Concebeu e dirigiu o musical *O Cinema Cantante*.

RENÚNCIA

Só em lembrar como você
se desvencilhava da razão
que teimava em juntar-se
às roupas escorregadias...
Naquela noite que ainda ardia
arredia era a sede em que vinha montada
resistia ao seu olhar ingênuo como não fosse nada
já não resistia à alvorada fria
nem mesmo ardor havia
era madrugada
Embora as roupas ainda nos assistissem
e o desejo perdurasse no semblante em riste,
a razão já acordara
Ela nos vestiu o corpo
e nos deixou no rosto
um tom de nunca mais

NÉLIO ALVES ROSA FILHO***DO EXÍLIO AVESSO**

O sol daqui não guarda um só segredo
E multiplica as cores do planalto,
A luz incita ao vôo, incita ao salto
os homens que são calma e que são medo.

Na minha terra estou como em degredo,
Pois me encontro nas coisas em que falto,
E quando a luz me toma de assalto,
Eu lembro do poeta Godofredo

Que aqui nasceu com seu estro de grego
E fez dessa planura um aconchego
De claro azul e clara sonolência.

Queria desse aedo sertanejo
O olhar sutil de ver o que não vejo
Nessa amplidão azul da minha ausência.

* Nasceu a 11 de agosto de 1966, em Feira de Santana (BA). Formou-se em Letras Vernáculas pela UFBA. Sua produção poética tem sido publicada em revistas, tais como, *HYPERION* (UFBA), *A TARDE CULTURAL* e *HERA*.

SONETO

Os meus versos são crimes que cometo,
Pois revelam de mim o que não sei,
À minha revelia, um outro rei
Já rouba-me — tirano — este soneto.

Meus versos não são crimes que cometo,
Eu não disse, não digo e não direi
(Quem diz é o tirano, esse outro rei)
Do meu desejo vil e mais secreto.

Eu nunca quis matar a Bem-amada,
Aquele que me nega (Apunhalada!),
Nem mesmo no meu sonho eu a matei.

E quem pintou meus olhos de vermelho
Foi esse que nos olha pelo espelho...
Esse outro... o rei tirano... eu já nem sei.

RAYMUNDO LUIZ LOPES***LAMENTO**

Noite, olhar de mulher
— infinito e de silêncio para ser tocado —
denso murmúrio de chamados,
oração que não se extingue.

Imponderável, ela se faz dúvida
e que perdição se revela
no fundo dessa terra!

Noite que me espia
com seu modo indizível
de ser nenúfar,
protegida por véus de carícias
e pelo seu longo cio de auroras.

Em novilúnio e sonâmbulo
não sei em que regaço sou esperado.

*Nasceu em Salvador (BA), reside, atualmente, em Feira de Santana(BA). Prof. Titular do Dep. de Educação. Criador(1982) e Editor de *Sitientibus*. Ex-membro da Diretoria e prof. de Flauta Doce do Seminário de Música de Feira de Santana. Implantou o Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL), em 1985, sendo, hoje, Subgerente da Livraria Interuniversitária PIDL. Instrutor de Tai Chi Chuan e facilitador de Meditação. Tem vários trabalhos literários publicados.

QUIETUDE

Quem há de pensar nessas horas
em que a hiena se insinua
à sombra do lugar
quando se findam tempos visíveis
e mármore, insípidos e frios, escondem o medo.

Lá se desenrola imutável cenário
e, diante do imponderável, treme a carne.
Tudo sempre lavado pelo orvalho da manhã,
porém, suja, a cidade envergonha-se,
mas, no giro da melancolia,
caminham todos para o recanto da névoa estática.

Sem travestir-se de cheiros,
a angústia foge dos momentos curvos e, sem cor,
é um mero objeto que não saiu do túnel.

Estarei só naquele momento? Não sei...

Silencioso, sim. Quietos. Tão quietos quanto uma sombra,
e tão repousado; irremediável, inefável,
marcado por um relógio sem raios.

E os lírios desfalecem.

Ninguém escuta a ave invisível
que ronda o parque onde o tempo se desfolha.

SÉRGIO VIANA VILLA***DO MEU VERSO II**

Quero
que meu verso
cante,
quero
que meu verso
pulse,
quero
que meu verso
dance,
como
canta,
pulsa
e dança
a vida.

Não o quero
alheio,
não o quero
representando;
quero-o
vivo,
participando,
sendo
também
parte,
compondo
junto,
não distante,
presente,
não ausente;
mais um elemento
somando-se,
misturando-se,
confundindo-se
com tudo
o que existe,
pois ele
também é vivo,
ele existe também.

* Nasceu em Salvador (BA), em 1960. Aluno do Curso de Pedagogia -FAEEBA/Uneb. Palestrante espírita. Lançou, recentemente, *Nó Crítico* (poesias).

NÁUSEA

Vômito, vômito
Sublime ato
De expulsar das entranhas
Tudo o que provoque asco.
Divina chance de libertação
Do lixo que distoe
Da própria podridão...
Vem-me em socorro
E liberta-me dessa
Insuportável náusea
Desse enjôo
Dessa incômoda presença
Dos restos putrefatos
Desse amor...

ZILAH FARIAS*

O SEMIÓLOGO DA TRAVESSIA

Assustou-me a figura de vestes gastas que assomou gigante e sentou-se ao meu lado direito. Era recoberto com uma estranha capa plástica de azul fraco e transparente que saía de um chapéu de palha e caía-lhe até os pés. Uma proteção contra a manhã nublada e chuvosa. Olhar altivo e castanho escuro sobre mim, como a considerar se seria uma empreitada agradável sentar-se ao lado da minha pessoa. Por um momento pensei que aquele mendigo ia exhibir-me uma receita médica à qual eu teria de dar fé ou me importunaria por trocados. Mas eis que ele sentou-se sereno e desfocou o olhar, nada parecendo ver. De soslaio, eu o esquadrinhei. Peguei-me também aspirando-o, considerando se eu poderia suportar o seu odor, deixando-me ficar junto a ele. Não fosse o cheiro do tecido plástico com que se recobria, eu diria que ele era inodoro. Era um ser temporal, sim. Uns setenta anos vigorosos. Pele clara, nariz afilado. Seus belos olhos castanhos doces voltaram-se para mim e eu disfarcei minha curiosidade, olhando a confusão em torno. Passageiros esperando o *ferry-boat*. Seria a primeira vez que eu atravessaria de *ferry* a Bahia de Todos os Santos para a Ilha e tudo para mim parecia novidade, embora adivinhasse que a confusão era um lugar comum.

Estourou uma batucada e um *axé-music* se fez. Um vendedor de pastéis se animou e instaurou uma concorrência à lanchonete do terminal marítimo. Um vigilante apareceu e fez calar o concorrente. Senhoras humildes e muito dignas aguardavam o embarque como a rezar um terço imaginário na esperança de que o mar se comportasse como um bom colegial e não tormentasse a travessia. Isso eu também esperava, pois tinha certo receio da desconhecida viagem. Viagens pelo mar baiano só quando criança no vapor de Cachoeira, que foram várias. Eu fora a Itaparica por terra, numa complicada viagem de que pouco me lembro: BR-101, Ponte do Funil, visão tétrica da Ilha do Medo. Os viajantes continuavam chegando, sacolas, colchonetes enrolados... Uma senhora mulata de bermuda jeans e camisa de malha de listas vermelhas e brancas, cinto branco aprisionando a larga cintura, sentou-se placidamente ao meu lado esquerdo, tinha o olhar posto firme e ansioso no portão divisor da estação e da ponte sobre o mar, como quem nesta pularia e tomaria o seu assento no *ferry*, como um trono conquistado, logo se abrisse o portão.

* Professora de Língua Portuguesa do Dep. de Letras e Artes. Aposentada.

O barulho da batucada incomodou-me e exclamei:

— Saco! Até aqui! Por que essa parafernália toda?

O homem de plástico, como se eu o tivesse inquerido, respondeu-me:

— Tudo é signo.

Olhei-o surpreendida com a resposta e retruquei:

— Só se for da confusão que impera nesta cidade!

— Não há nenhuma oposição entre a senhora e a cidade.

— Como? Serei eu tão confusa quanto ela?

— Sua percepção da cidade é apenas uma centelha dela mesma. O signo é uma combinatória. A cidade — um signo — é múltipla em sua geografia e em sua sociologia, mas é una, a senhora sendo participante da cidade é ela também.

Surpreendeu-me o saber daquele mendigo coberto de plástico e resolvei apelidá-lo de o “semiólogo de plástico.”

Outro susto: uma sirene vinda do passado ecoou no terminal de São Joaquim. Vi-me distante, segurando à mão de meu pai, ou de minha avó, entrando no vapor de Cachoeira. Mas logo essa fugaz lembrança se dissipou e apreciei a ponte, passei cautelosa pela prancha e vi-me ladeada pelos acompanhantes do terminal. Nas mesmas posições: ele à direita e ela à esquerda. “Estranha trindade esta”, pensei.

Outro apito, e o *ferry-boat* partiu sereno. Não contive a minha curiosidade e levantei várias vezes, indo à grade da popa e da proa olhar o deslocamento da cidade do Salvador e a aproximação da Ilha, considereei a sua vastidão e o mar mais perigoso do que o da baía de Guanabara, lembrando-me das viagens a Niterói, na cantareira e a Paquetá, em aerobarco.

Estávamos nos aproximando do alto mar. Todas as vezes em que me levantei, por um impulso incerto ou indefinível, voltei a sentar-me entre os meus antigos companheiros, embora o barco estivesse com muitas cadeiras vagas. A simpática senhora encolhia as pernas solícita e sorria para dar-me passagem. O semiólogo de plástico tornou-se um signo-zero, recolhido ao silêncio, sua respiração era compassada, não se parecia com a do comum dos mortais. Fitava plácido o mar em frente. Tudo isso eu observava no afã de classificar aquele estranho passageiro da travessia.

A companheira da esquerda pediu-me licença e levantou-se sorridente, andou até a proa, passou a bombordo e a estibordo, foi até a popa, toda cautelosa como a temer que um jogo mais forte do barco a jogasse ao mar. Dirigiu-se à cantina do *ferry*, comprou alguns lanches e retomou o assento junto a nós. Sorriu-me e ofereceu-me delicada parte dos seus lanches. “Obrigada”, recusei. Ofereceu ao semiólogo de plástico e esse também recusou agradecido. Depois de faltar-se, a delicada companheira da travessia ausentou-se mais uma vez da

nossa companhia, envolvi-me com a movimentação de outros passageiros. A canção plangente de um cego distraiu-me. O sol de repente estava exuberante, a chuva passara. Dirigi-me à proa. Estávamos em alto mar, em meio à grande Baía de Todos os Santos. Alguns turistas paulistas maravilhavam-se com o esplendor de luz e de mar. De súbito, a voz do comandante gritou:

— Um homem ao mar! Um homem caiu ao mar!

— Pensei rápido no semiólogo de plástico, mas ele estava lá, no mesmo assento, calmo, um buda. Um grito de um passageiro, enquanto as sirenes do *ferry* anunciavam o acidente:

— Um menino caiu no mar!

— E o pânico se instalou. Uma mulher branca esquelética e pálida começou a gritar, enquanto era socorrida por uma negra magrinha cheia de energia e por um homem que lhe oferecia a água de uma garrafa-litro de vidro. Tomei o meu assento junto ao semiólogo de plástico, dominada pelo terror que o evento me inspirava, ou melhor, não tanto por esse, mas porque o *ferry-boat* fazia uma manobra de volta ao ponto onde o homem ou a criança caíra ao mar. Isso lhe dera um jogo maior e uma sensação de insegurança invadiu-me. Senti-me fria e percebi que a minha pressão sangüínea havia baixado muito. Medo. E justificado: primeira viagem de *ferry*, e esse acontecimento nefasto. Eu de signos solar e de ascendente de elemento terra e de longa morada na boquinha do sertão, terra meio seca, porém de boa segurança. Sentir o *ferry-boat* fazer aquela manobra era como se eu estivesse num sertão virando mar, ou num porto seguro invadido por um tufão. Minhas mãos estavam geladas e eu não enxergava muito bem em torno. Aquietei-me junto ao semiólogo de plástico, que parecia distante, absorvido pelo nada.

Já então era sabido que não fora acidente: alguém se jogara ao mar. O boato corria de boca em boca.

— O que leva um indivíduo a um ato deste? — murmurei.

— A busca da individualidade perdida. A individualidade é uma diferença extrema e quando o indivíduo a perde, busca retomá-la — explicou-me o semiólogo.

— Mas, como um suicídio pode levar um homem a recuperar sua individualidade?

— Então, sendo o homem um signo de si mesmo, quando ele sente a dissociação entre o corpo significativo e o espírito significado, ele tem de buscar nova combinação, pois não pode haver oposições tais como: corpo-alma, espaço-matéria, mecanismo-finalismo, uno-múltiplo, Deus-criatura.

— Mas, o que possibilita a combinação? E como é possível recuperar a unidade corpo-alma com o suicídio?

— O que possibilita a combinatória universal é a mônada, não é composta e não é divisível, é una e é múltipla, é igual a si mesma, é a Razão-signo. O suicídio é ato-signo, e só a percepção distorcida o torna ponto de vista. Porque se quer estendê-lo além dele mesmo é que se não o percebe em sua totalidade — disse e calou-se.

“Bela mistificação”, pensei.

Naquele momento, toda a tripulação havia corrido para bombordo e um homem gritou:

— O barco está virando para o lado, gente! Se alguém quiser ajudar mantenha-se sentado. Lembrem-se do *Bateau-Mouche*!

A mulher magra e pálida estatelou mais gritos e foi socorrida com mais água e mais consolo por seus companheiros de viagem. Observei que o homem da garrafa a olhava e a tratava com mais carinho do que os outros. “Uns amam e outros morrem”, pensei.

Levantei-me um pouco, estiquei tímida o pescoço: o *ferry-boat* vasculhava a área do suicídio. Olhei o mar para ver se via um cadáver boiando.

Divisei ao longe uma canoa e logo em seguida tive uma leve miragem. Minha vista meio escura projetou minha companheira de viagem — por onde andara? — solta sobre o lindo mar verde-esmeralda. Blusa de listas vermelhas e brancas, calça-bermuda jeans. Senti as pernas bambearem, apontei um vulto no mar e voltei-me junto ao meu sábio.

— Minha gente, o barco está virando! Lembrem do *Bateau-Mouche*.

Pressentindo que naquele momento eu poderia tornar-me um signo-zero, recolhi-me ao silêncio angustiada. Uma paulista gritou desesperada:

— Senta, porrrrra! Senta, porrrrra!

Perdendo a compostura, junto ao meu sábio de plástico, gritei também:

— Senta, porra! Senta, porra!

— É uma mulher e não um homem! — disse uma senhora gorducha cujos olhos brilhavam e a voz vibrava, referindo-se aos fatos, com raios de felicidade, não sei por quê.

Percebi, então, que já haviam resgatado o corpo do mar, procurei ouvir os relatos sobre o resgate, mas só justificavam o ato-signo do suicídio:

— Isso é o Cão atentando, minha filha.

— Que nada, minha filha. Isso é perseguição de homem, os pestes atormentam tanto a vida da gente que a gente é levada a isso! Eu mesma pensei nisso muitas vezes, por causa do machão do marido. Mas graças a Deus...

A senhora gorducha, mais intensamente feliz, olhos mais brilhantes, anunciou que ia rever o cadáver. Enquanto a mulher negra, que já entregara a sua

parte ao homem na tarefa de consolar a magrinha e branca, explicou-me:

— Isso é coisa de marido ruim, minha senhora! Os cães dos machos atentam e levam a gente a isso: eu mesma taquei querosene e fogo, no meu marido, na amante dele — minha melhor amiga, de que amizade ele condenava e não queria que eu chegasse perto dela, mas já com o sentido de maldade dele, — taquei nos meus onze filhos... Hoje ele está na verdade e eu aqui na mentira. Até na morte o macho leva vantagem.

— A senhora o matou, quer dizer... — conferi.

— Não, minha filha, ele morreu de outra morte, eu não cheguei a consumir o ato. Ele ficou sapecado de leve. Ninguém morreu, mas quem ficou mais estragada foi Lica, a amante (disse esta última frase em tom triunfante). Deus não me faltou e mandou uma vizinha que apagou o fogo e me tirou do pecado mortal e tive internada na Colônia Lopes Rodrigues em Feira de Santana, por muito tempo, como doida, por ajuda de uma ex-patroa médica de doidos (disse olhando de banda o meu sábio), mas graças a Deus me recuperei. Agora, minha filha, me dê licença que eu vou ver de quem se trata a morta, pois pode ser gente da Ilha que conheço todo mundo. Posso ajudar.

Eu já tinha entabulado novo diálogo com o semiólogo de plástico:

— ... os significados se encarnam em outros significantes... Para que insistir no tema reencarnação, se ela é inevitável?... — dizia ele. Constatei que meu lado esquerdo ficara vazio, olhei para trás prescrutando a tripulação. Onde estava a companheira do cinto branco? Estaria também velando o cadáver? Eu jamais teria coragem de ver a morta, não aceito o signo-morte, disse isso em voz alta.

— Não aceita então o signo-vida — afirmou-me o semiólogo.

— Minha filha! Divinhe quem está lá embaixo?! — propôs-me a simpática ex-colona da Lopes Rodrigues, voltando da visita à morta.

Apontei para o meu lado esquerdo com o polegar, interrogativa. Não fora miragem.

Quando terminou a pesarosa travessia, desci no terminal de Bom Despacho atordoada, ainda estava fria, tensão baixa. Venci o cerco dos ajudantes de kombis, oferecendo transporte. Em um bar tomei um conhaque, dos melhorizinhos encontrados. Reanimei, mas perdi o sonho da viagem. Avistei o semiólogo ao longe sentado à espera do ônibus para Nazaré. Escrevia algo em uma caderneta, passei indiscreta a seu lado e consegui ler os versos ou as frases:

*Clementina jogou-se ao mar,
lá no fundo se buscar.
Clementina morreu,
Afundou nosso navegar.*